

As interfaces do trabalho como tradutor de língua inglesa

The interfaces of work as an english translator

Renata Teófilo de SOUSA¹

Resumo

No contexto globalizado em que vivemos, é possível nos conectarmos com diversas pessoas e culturas. Assim, a tradução configura-se como um modelo de comunicação, que permite que este contato – seja ele lido, escrito ou falado – torne possível compreender e se apropriar de informações, de forma confiável, em outro idioma, sendo um trabalho de grande relevância social e cultural. Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama sobre o trabalho do tradutor de Língua Inglesa, a partir do mapeamento de obras que discutem a origem e a evolução da tradução ao longo dos anos, bem como suas possibilidades de atuação. A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, em que se construiu um Estado da Arte baseado em algumas obras relevantes acerca do tema. Como resultado, apresentamos uma discussão que aponta a distinção, as vantagens e as desvantagens entre a tradução humana e a tradução automática, bem como uma diferenciação entre os conceitos de tradutor e intérprete.

Palavras-chave: Tradução. Interpretação. Língua Inglesa.

Abstract

In the globalized context in which we live, it is possible to connect with different people and cultures. Then, translation is configured as a model of communication, which allows this contact – be it read, written, or spoken – that makes possible to understand and appropriate information, as a reliably way, in another language, being a work of great importance, with social and cultural relevance. This article aims to present an overview of the work of English translators, based on the mapping of works that discuss the origin and evolution of translation over the years, as well as its possibilities for action. The methodology adopted for this study was bibliographical research, in which a State of the Art was constructed based on some relevant works on the topic. As result, we present a discussion that highlights the distinction, advantages and disadvantages between human translation and machine translation, as well as a differentiation between the concepts of English translator and interpreter.

Keywords: Translation. Interpretation. English language.

¹ Doutoranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação Rede Nordeste de Ensino (RENOEN, polo IFCE). E-mail: rtsnaty@gmail.com

Introdução

A partir de uma visão pragmática sobre o conceito de tradução, temos a visão de Albir (2001), que aponta que esta pode ser considerada como um processo de interpretação e comunicação entre emissor e receptor, sendo equivalente à reorganização de um texto com elementos de outra língua, a partir de um processo linguístico que parte de um contexto social e que possui uma finalidade específica.

Partindo deste ponto, entendemos que uma obra primária pode ser interpretada de variadas maneiras ao ser traduzida. No que diz respeito à abordagem dita funcional da tradução, esta foi incutida por Reiss (2000, p. 92), ao mencionar a “função especial de uma tradução” enquanto categoria complementar em seu modelo de crítica de tradução. A autora buscava recolocar o critério normal de crítica com base na equivalência nos casos (especiais) em que o texto alvo (TA) exercia um propósito diferente do texto fonte (TF).

No final da década de 70, Reiss e Vermeer estabeleceram que a finalidade de um TA é que deveria ser, de fato, determinante na escolha dos métodos de tradução, e não a função do TF. Assim, a partir disto, Vermeer formulou esse postulado como *skopos* (p. 54), que posteriormente tornou-se a principal componente de sua teoria geral da tradução — *Skopostheorie* (REISS; VERMEER, 1984).

Assim, Bassnett (2003, p. 54) explica que “a tradução não é a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas”, mas vai além disso, sendo uma maneira de comunicar de modo coerente ao receptor da mensagem (leitor), dando suporte a todas as suas dificuldades na compreensão de um texto. Nesse sentido, o processo de tradução se inicia na leitura e se completa na compreensão de um texto escrito em língua estrangeira, em que sua essência e ideias são transportadas para outro idioma. O trabalho do profissional de tradução é essencial para que a comunicação das ideias para o leitor ocorra de forma fluida, demandando do tradutor o domínio do idioma, na intenção de realizar uma interpretação o mais fidedigna possível e o mais próxima da realidade expressa no texto fonte.

Ao traduzir um texto, o tradutor é o responsável direto sobre a mensagem que transmite. Deste modo, deve construir a semântica da obra de um determinado autor a partir do processo tradutório, buscando por vezes expressões e termos que reproduzam a ideia do autor original da forma mais coerente possível, considerando sempre os aspectos

culturais, sociais, ideológicos referentes ao autor e ao TF. Como afirma Arrojo (2003, p.104) “Cabe ao tradutor assumir a responsabilidade pela produção de significados que realiza e pela representação do autor a que se dedica”. De modo complementar, Venutti (2008) coloca que a tradução, frequentemente concebida como uma atividade de ajuste, não apenas reproduz um texto, mas também o ajusta ao sistema cultural-alvo, e esse ajuste é guiado por valores específicos.

Nesse sentido, entende-se que não há uma tradução que consista na reprodução exata de uma mensagem/texto em outra língua, o que demanda um expediente de análise minuciosa da função do tradutor. Dada a importância da figura do tradutor em meio a esse processo, a este é incumbido um grande juízo de valor. Segundo Bohuanovsky (2001, p. 54)²:

[...] no âmbito das discussões teóricas sobre tradução mais recentes, a “fidelidade” na tradução não é mais entendida como a tentativa de “reproduzir” o texto de partida, mas está sendo relacionado à inevitável interferência por parte do tradutor, à sua interpretação e manipulação do texto. O tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico — que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução. O tradutor tornou-se “visível”. (BOHUANOVSKY, 2001, p. 54, tradução nossa).

O trabalho do tradutor vai além da decodificação e substituição de termos e palavras, pois é imbricado também da necessidade de sentido. Desta forma, a leitura de um texto traduzido deve permitir que o leitor assimile a ideia original do autor. No entanto, segundo Baker (2006), vivemos em uma época em que a prática da tradução tem sido transformada pela globalização e pela revolução tecnológica, que trouxeram mudanças tanto nas condições de produção quanto na recepção.

Partindo das ideias inicialmente apresentadas, o objetivo deste trabalho é apresentar um panorama sobre o trabalho do tradutor de Língua Inglesa, a partir do mapeamento de obras que discutem a origem e a evolução da tradução ao longo dos anos, bem como suas possibilidades de atuação.

² [...] within the scope of the most recent theoretical discussions on translation, "fidelity" in translation is no longer understood as an attempt to "reproduce" the source text but is being related to the inevitable interference on the part of the translator, to their interpretation and manipulation of the text. The translator is understood as a subject inserted in a certain cultural, ideological, political, and psychological context — which cannot be ignored or eliminated when elaborating a translation. The translator has become “visible” (BOHUANOVSKY, 2001, p. 54).

Para isso, estruturamos este trabalho a partir de uma pesquisa bibliográfica, em que se buscou construir um Estado da Arte com base em obras relevantes sobre o tema ao longo dos anos. Buscamos assim discutir e compreender a origem da tradução, as diferenças entre tradutor e intérprete, tradução humana *versus* tradução automática e as possibilidades do mercado de trabalho para o tradutor, de modo mais específico, o tradutor de Língua Inglesa.

Um pouco da história da tradução

A tradução é uma prática de longa data. Desde seus primórdios, a interpretação e comunicação oral entre línguas distintas tinha relação com as transações comerciais dos mais diversos tipos. Já os primeiros registros de tradução escrita são datados do século XVIII a.C. (ALBIR, 2001).

A tradução falada/oral, com a finalidade de estabelecer contato e comunicar mensagens entre pessoas ou comunidades de distintas origens linguísticas, tem exemplos de sua utilização nos diversos impérios da Antiguidade, em expedições militares, no contexto religioso e em reuniões diplomáticas (LEFEVERE, 2002). Contudo, enquanto atividade remunerada e realizada por profissionais para uma execução específica, surge apenas no século XX.

Até o final da Primeira Guerra Mundial, a língua francesa era utilizada para a comunicação entre os países em discussões e acordos do governo, por ser tida como uma língua diplomática por excelência, utilizada comumente por todos os representantes governamentais ao se expressar em suas negociações. Contudo, a Primeira Guerra Mundial e seus efeitos, colocam em posição de destaque os Estados Unidos da América (EUA) no cenário global.

A partir daí, a língua inglesa passa a ser adotada em conferências internacionais, juntamente ao francês, a princípio, como exigência do presidente Woodrow Wilson, dos EUA, e de Lloyd George, Primeiro-Ministro Inglês, durante as Conferência de Paz de Paris em 1919, no intuito de negociar as condições do Tratado de Versalhes e a criação da Liga das Nações, considerados por sua vez elementos fundamentais do período entre as duas guerras mundiais, de 1919 a 1939. Com a adoção oficial das duas línguas, inglês e francês, e dentro desse contexto, surgiram os primeiros intérpretes profissionais, que se

tornaram célebres por sua atuação na interpretação consecutiva na sede da Liga das Nações, em Genebra, na Suíça.

No Brasil, a interpretação de conferências como profissão, em sua modalidade simultânea, teve início com um encontro internacional da Organização Panamericana de Saúde, realizado no Rio de Janeiro em 1948. Atuou nesse evento o intérprete conhecido como o decano da profissão no Brasil, Carlos Peixoto de Castro, residente no Rio de Janeiro. Posteriormente houve uma série de eventos em 1954 em São Paulo, relacionados às comemorações do Quarto Centenário da cidade. Entre as intérpretes que atuaram então estavam Jaqueline Branco, Renata Hammoud e Ingrid Orglmeister, três das futuras fundadoras da Associação Paulista de Intérpretes de Conferências (APIC), em 1971, que viria a ser denominada futuramente de Associação Profissional de Intérpretes de Conferências (mantendo a sigla APIC) e congregaria intérpretes de todo o Brasil.

A APIC contribuiu amplamente para a profissionalização de intérpretes no Brasil, tendo como primeira presidente Ulla Schneider, atuante também na Europa, inspirada na Associação Internacional de Intérpretes de Conferências (AIIC), fundada em Paris no ano de 1953, e hoje sediada em Genebra, na Suíça, que estabelece padrões profissionais para os intérpretes de todo o mundo.

Enquanto disciplina, os denominados Estudos da Tradução surgiram na segunda metade do século XX e, desde então, diferentes enfoques teóricos têm sido discutidos. Albir (2001, p. 127-128) aponta cinco enfoques possíveis dentro da disciplina, que são: “1) linguísticos; 2) textuais; 3) cognitivos; 4) comunicativos e socioculturais; e 5) filosóficos e hermenêuticos”.

Tal classificação não é entendida como absoluta, mas como uma tendência dentro dos Estudos da Tradução. É possível, por exemplo, que um estudo linguístico passe por debates comunicativos e socioculturais, entre outras combinações. Porém, em geral, cada estudo tem um foco mais evidente.

Tradução humana *versus* tradução automática

A tradução humana é considerada um processo de transferência ou de substituição de conteúdo entre duas línguas naturais: a língua de origem, também chamada língua-fonte ou língua de partida; e a língua de destino, também chamada língua-alvo ou língua

de chegada. Para Tytler (apud ARROJO 2000, p.12), um pioneiro dos estudos da tradução no século XVIII, “a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original; o estilo da tradução deve ser o mesmo do texto original; e a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original”.

Portanto, “[...] traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura” (ARROJO, 2000, p.13). Ou seja, o significado de uma frase não existe por si só, precisa ser interpretado por um leitor, com seu conhecimento externo à própria frase. Sem esse conhecimento, a frase é um conjunto de símbolos isolados, cada um apontando para significados diferentes, dependendo de uma decisão do leitor para combinar-se com outras frases e construir um todo.

Já a Tradução Automática é tanto uma das principais subáreas do Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN) quanto uma aplicação computacional disponível em sites, sistemas e/ou aplicativos para computadores e dispositivos móveis (celulares, tablets etc.). Na tradução automática, a partir da informação fornecida como entrada em um idioma original (língua fonte), um site/sistema/aplicativo gera uma versão equivalente em outro idioma (língua alvo). Desde seu surgimento, diversas estratégias de TA foram propostas. As estratégias mais tradicionais são: a tradução direta, a tradução por transferência e a tradução por interlíngua.

Na tradução direta, ocorre o mapeamento direto das unidades lexicais fonte para as unidades lexicais alvo, ou seja, sem que nenhuma etapa de análise sintática ou semântica seja realizada. Na tradução por transferência, por sua vez, há uma análise sintática parcial ou completa da língua fonte e o mapeamento fonte-alvo se dá com base em regras de transferência sintática seguido da geração de uma saída equivalente na língua alvo. Por fim, na tradução por interlíngua, há o mapeamento completo da língua fonte para uma língua intermediária (representação abstrata do significado) e desta para a língua alvo (CASELI, 2015).

De acordo com Kiraly (2000, p. 13)³:

³ [...] the competence of the translator does not primarily refer to knowing the correct translation of words, phrases, or even texts. It actually involves the ability to use tools and information to create communicatively successful texts, which are accepted as good translations by the society to which they are intended. (KIRALY, 2000, p. 13).

[...] a competência do tradutor não se refere primariamente a saber a tradução correta de palavras, frases ou mesmo textos. Acarreta, de fato, a capacidade de usar ferramentas e informação para criar textos comunicativamente bem-sucedidos, que são aceitos como boas traduções pela sociedade à qual são destinados. (KIRALY, 2000, p. 13, tradução nossa).

A partir do fragmento de Kiraly (2000), entende-se que, mais importante do que saber as correspondências terminológicas de uma língua para outra, é saber fazer uso do que está à disposição para que o texto seja coerente. Isso inclui não apenas saber o termo na outra língua, mas saber os contextos em que o termo pode ser usado e manter a consistência da tradução, por mais que o mesmo termo tenha mais de um correspondente na língua-alvo. Dessa forma, as chamadas ferramentas CAT estão à disposição para serem usufruídas de modo a criar exatamente esse tipo de texto comunicativamente bem-sucedido ao qual o autor se refere.

As ferramentas CAT (*Computer-Assisted Translation* ou, em português, Tradução Auxiliada por Computador) são *softwares* que facilitam as tarefas do profissional de tradução. De acordo com Bowker (2002), as ferramentas CAT são um tipo de ferramenta computadorizada para ajudar profissionais do texto, especialmente os tradutores, a completar com mais assertividade suas tarefas e, assim, aumentar sua produtividade. Essas ferramentas apresentam diversos recursos, dentre eles: memória de tradução; gerenciamento de terminologia; controle de qualidade; autocompletamento; pesquisas de concordância; entre outros (TRADWIKI, 2018).

De acordo com Jiménez-Crespo (2014, p. 52), “[...] hoje em dia, a tradução profissional não pode ser considerada independente das tecnologias que a apoiam. Idealmente, os alunos deveriam fazer uso de todas as tecnologias de tradução possíveis desde o início do seu treinamento [...]”. Assim, o uso das ferramentas CAT, atualmente, é praticamente indispensável ao tradutor profissional, assim como, em dado momento, o uso de ferramentas de edição de texto, como o Word, também foi indispensável para a tradução.

É importante ressaltar que, atualmente, a maior demanda de tradução que existe é para a tradução especializada, também conhecida como tradução técnica. Dentro deste tipo de tradução, alguns conceitos importantes são (Quadro 1):

Quadro 1: Conceitos importantes na tradução técnica.

Transliteração	É a substituição de palavras de um idioma para outro. Usa-se para nomes, endereços, palavras com sentido literal, sistemas de escrita (alfabetos) diferentes
Tradução	Encontrar palavras de sentido equivalente no idioma desejado. Respeita a gramática, a coesão e a coerência, o contexto e a cultura
Transcrição	Quando não há uma equivalência direta, o tradutor precisa encontrar estratégias que preservem o sentido original, como em poesia e textos literários em geral

Fonte: Adaptado de Caseli (2015).

A tradução técnica engloba diferentes tipos de textos, desde manuais e bulas de remédio até textos acadêmicos de áreas especializadas. Para produzir esse tipo de tradução, faz-se necessário o conhecimento e o uso de termos técnicos e específicos de cada área. No entanto, como é possível imaginar, tradutores não conhecem todos os termos de todas as áreas e, por melhor que seja sua memória, é humanamente impossível aprender e reter todos os termos conforme se vai traduzindo. Além disso, muitas vezes, os prazos para a entrega da tradução são curtos, o que impede que o tradutor perca tempo traduzindo o mesmo termo diversas vezes, o que demanda conhecimento de ferramentas computacionais para otimização de seu tempo de trabalho e eficiência.

Diferenciação entre tradutor e intérprete

O propósito tanto da tradução quanto da interpretação é transpor uma mensagem expressa em um determinado idioma para outro, facilitando sua compreensão por uma comunidade linguística que não fala a língua na qual a mensagem foi originalmente concebida. Pode-se considerar que o tradutor e o intérprete desempenham papéis cruciais ao permitir que uma mensagem ultrapasse a "barreira linguística" entre duas comunidades, muitas vezes sendo referidos metaforicamente como "pontes".

Outra semelhança significativa é que tanto o tradutor quanto o intérprete precisam ter profundo domínio das duas línguas envolvidas no processo, incluindo os vários elementos culturais relevantes tanto para o texto original quanto para o texto final. Embora ao tradutor seja suficiente o domínio da língua em sua forma escrita (PAGURA, 2015), é importante notar que alguns tradutores excelentes podem não compreender

adequadamente a variedade oral da língua da qual estão traduzindo. Em outras palavras, podem entender perfeitamente um texto lido na língua estrangeira de trabalho, mas enfrentar dificuldades ao tentar compreender um texto semelhante apresentado oralmente, como em uma conferência ou palestra. Esses profissionais possivelmente também podem ter dificuldades em manter uma conversa no mesmo idioma.

Vamos agora abordar as principais disparidades entre as duas profissões, que essencialmente se manifestam na operacionalização. Tanto a origem da mensagem quanto o resultado do processo ocorrem em modalidades distintas (escrita e oral), gerando diversas diferenças operacionais.

Conforme destacado por Pagura (2015), é imperativo que o profissional possua um nível elevado de domínio dos idiomas e do tema em questão. No entanto, o intérprete enfrenta o desafio adicional de exigir um domínio excelente das formas de expressão oral em ambos os idiomas. Pode-se afirmar com segurança que o intérprete precisa possuir um conhecimento mais aprofundado das línguas, do tema, da cultura de origem e da cultura alvo em comparação com o tradutor. Essa alegação não é infundada quando se consideram as condições de trabalho específicas de ambos os processos.

Durante o exercício de suas funções, o tradutor tem a liberdade de interromper o trabalho e consultar uma variedade de recursos, como dicionários, enciclopédias, sites na internet, e recorrer a colegas tradutores e especialistas na área de conhecimento em que está envolvido. Além disso, ele produz o texto de chegada em seu próprio ritmo, com a capacidade e a responsabilidade de revisá-lo várias vezes, buscando a melhor forma de expressão ou realizando ajustes caso descubra termos mais precisos para determinados conceitos ao longo do processo. O intérprete, por outro lado, terá de ter adquirido todo o conhecimento necessário e o vocabulário específico antes do ato tradutório em si. Durante o processo de interpretação simultânea, fechado em sua cabine e tendo de tomar decisões em questão de três a cinco segundos, não há tempo para consulta a quaisquer obras de referência, especialistas ou sites de busca na internet.

Outra distinção crucial está relacionada ao ritmo de execução do trabalho. Embora os clientes dos tradutores frequentemente solicitem traduções com urgência, a quantidade de material traduzido em um determinado período será significativamente menor na forma escrita em comparação com a forma oral. Enquanto nas organizações internacionais se espera que os tradutores em tempo integral traduzam cerca de cinquenta linhas a cada duas horas, um discurso com as mesmas cinquenta linhas, quando transcrito,

será interpretado em aproximadamente oito minutos, conforme (SELESKOVITCH, 1989). Nessas circunstâncias, não há espaço para revisões na mensagem transmitida. Enquanto a tradução passa por uma revisão por parte do tradutor e, frequentemente, por outro revisor, o resultado do trabalho do intérprete é definitivo. Se a mensagem não for transmitida com sucesso, dificilmente haverá tempo para expressá-la de maneira diferente.

Outro atributo crucial para o profissional que se dedica à interpretação é a habilidade de concentração, análise e memória. O texto original do intérprete não está disponível indefinidamente. O intérprete simultâneo deve concentrar-se no que está ouvindo para processar a informação instantaneamente e expressá-la na língua-alvo, sem perder de vista a próxima unidade de sentido proferida pelo palestrante imediatamente após. O processo é tripartido, envolvendo a escuta, o processamento e a expressão, e todas as três etapas ocorrem simultaneamente.

O segundo estágio do processo é a chamada *desverbalização*. O conceito é claramente explicado por Seleskovitch e Lederer (1995, p. 24)⁴:

O processo da interpretação envolve a percepção de ideias, ou sentido, expressas no discurso. À medida que se percebe o sentido, as formas verbais utilizadas para transmiti-lo desaparecem, deixando apenas a consciência a partir da qual o intérprete pode espontaneamente expressar o sentido, sem estar preso à forma da língua de partida. (SELESKOVITCH; LEDERER, 1995, p. 24, tradução nossa).

Levando em conta as reflexões teóricas discutidas de forma sucinta, não é difícil levantar algumas questões práticas relacionadas à formação de intérpretes. A primeira delas é que o currículo de um curso para a formação de intérpretes deve ser distinto daquele oferecido para a formação de tradutores. Dadas as diferenças anteriormente destacadas, não é viável propor a formação simultânea de intérpretes e tradutores por meio de um currículo unificado. A formação de intérpretes deve ser focada na oralidade, uma vez que os exercícios escritos têm justificativa limitada nesse processo.

⁴ The process of interpretation involves the perception of ideas or meaning expressed in discourse. As one perceives the meaning, the verbal forms used to convey it disappear, leaving only the awareness from which the interpreter can spontaneously express the meaning, without being bound by the form of the source language. (SELESKOVITCH; LEDERER, 1995, p. 24).

Considerações finais

O tradutor é desafiado a ajustar o texto da língua-fonte para se alinhar à cultura de chegada, reproduzindo as ideias do texto em vez de simplesmente traduzir palavras isoladas. O sentido do texto-fonte, que é moldado por uma determinada época e sociedade, precisa ser transposto para a língua-alvo, que possui suas próprias características históricas, culturais e sociais. Nesse contexto, o tradutor deve ter em mente que está lidando com um texto repleto de significados extralinguísticos que devem ser comunicados ao leitor da tradução.

O principal desafio do tradutor é tomar decisões sobre as construções linguísticas e as notas a serem incluídas na tradução. As palavras são polissêmicas, ou seja, possuem múltiplos significados, sendo crucial escolher o mais apropriado para o contexto específico. A necessidade de fazer escolhas destaca a importância da tradução manual em relação à automática, uma vez que, até o momento, os computadores não conseguem realizar essas escolhas de maneira adequada.

Quanto ao trabalho tanto do tradutor quanto do intérprete, ambos necessitam de amplo conhecimento de línguas e culturas, bem como um comprometimento significativo com sua tarefa. Além disso, é essencial ter sensibilidade para discernir quando buscar a melhor maneira de preservar o significado, adaptando-o aos valores culturais da língua-alvo, e quando manter a literalidade. Especificamente, o tradutor deve ser habilidoso em escrever bem em sua língua materna e em criar notas que enriqueçam o texto original, contribuindo para a compreensão do leitor. Esses detalhes são aspectos que não devem ser subestimados pelo tradutor, que, de certa forma, pode ser considerado um coautor do texto que está traduzindo.

O mercado de trabalho para tradutores de língua inglesa é diversificado e abrange uma ampla gama de setores. A demanda por tradutores de inglês é robusta devido à posição global da língua como uma língua franca nos negócios, na ciência, na tecnologia, nas comunicações internacionais e em várias outras áreas. É importante que os tradutores de língua inglesa estejam atualizados com as tendências do mercado, a evolução tecnológica e as demandas específicas de cada setor. A especialização em áreas específicas, a fluência cultural e as habilidades de comunicação são fatores-chave para o sucesso nesse campo.

Referências

- ALBIR, A. H. **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001.
- ARROJO, R. A relação exemplar entre o autor e o revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre História do Cerco de Jericó, de José Saramago. **Delta**, v. 19, edição especial, 2003.
- BAKER, M. **Translation and conflict: a narrative account**. United Kingdom: Routledge, 2006.
- BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BOHUNOVSKY, R. A. (Im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n.8, p. 51-62, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5884>. Acesso em: 01 ago., 2023.
- BOWKER, L. **Computer aided translation technology: a practical introduction**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2002.
- CASELI, H. M. Tradução automática: o uso de corpora paralelos para a criação de um tradutor automático estatístico. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Orgs.). **Corpora na tradução**. São Paulo: Hub editorial, 2015. (p. 243-267).
- JIMÉNEZ-CRESPO, M. A. Building from the ground up: on the necessity of using translation competence models in planning and evaluating translation and interpreting programs. **Cuadernos de ALDEEU**, n. 25, 2014. Disponível em: <http://aldeeu.org/cuadernos/index.php/CALDEEU/article/viewFile/34/27>. Acesso em: 04 set., 2023.
- KIRALY, D. **A social constructivist approach to translator education: empowerment from theory to practice**. Manchester: St Jerome, 2000.
- LEFEVERE, A. **Translation/history/culture: a sourcebook**. Routledge, 2002.
- PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. (Orgs.). **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015. (p. 183-207).
- REISS, K. Type, kind and individuality of text: decision making in translation (1971). In: VENUTI, L. (Ed). **The translation studies reader**. Tradução de Susan Kitron. Londres: Routledge, 2000.
- REISS, K.; VERMEER, H. **Fundamentos para uma teoría funcional de la traducción**. Madrid: Ediciones Akal, 1984.

SELESKOVICTH, D. **Pédagogie raisonnée de l'interprétation**. Paris: Didier Érudition; Bruxelas: Office des publications officielles des Communautés européennes, 1989.

SELESKOVICTH, D.; LEDERER, M. **Interpréter pour traduire**. Paris: Publications de la Sorbonne/Didier Erudition, 1995.

TRADWIKI. **Ferramentas de auxílio ao tradutor**, 2016. Disponível em: http://www.tradwiki.net.br/Ferramentas_de_aux%C3%ADlio_ao_tradutor#An.C3.A1lise. Acesso em: 04 set., 2023.

VENUTTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. 2 ed. United Kingdom: Routledge, 2008.